

II Seminário Perspectivas da Diversidade Sociocultural

Caderno de **RESUMOS**

**Experiências de pesquisa,
engajamentos e (novas)
conexões em tempo remoto**

16 a 20 de agosto
de 2021

BELÉM
2021



Programa de
Pós-Graduação em
Diversidade Sociocultural
PPGDS



II Seminário Perspectivas da Diversidade Sociocultural

Caderno de RESUMOS

**Experiências de pesquisa,
engajamentos e (novas)
conexões em tempo remoto**

16 a 20 de agosto de
2021

BELÉM
2021



Programa de
Pós-Graduação em
Diversidade Sociocultural
PPGDS



CIP – Brasil. Catalogação na Fonte
Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna

Seminário Perspectivas da Diversidade Sociocultural (2 .: 2021 : Belém, PA)

Seminário perspectivas da diversidade sociocultural: caderno de resumos experiências de pesquisa, engajamentos e (novas) conexões em tempo remoto / Organizado por Benedito Emílio da Silva Ribeiro, Cândida Barros, Cristiana Barreto, Gabriela Galvão Braga Furtado, Ivan Rocha da Silva, Lucia Helena Alfaia de Barros, Marcelle Rolim de Souza Lima, Michelly Silva Machado e Veraneize dos Anjos Alves. - Belém : MPEG, 2021.

15 f.: il.

Evento realizado sob a coordenação do Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural do Museu Paraense Emílio Goeldi, no período 16 a 20 de agosto de 2021.

1. Ciências Humanas e Sociais. 2. Diversidade sociocultural. I. Ribeiro, Benedito Emílio da Silva, org.. II. Barros, Cândida, org. III, Barreto, Cristiana, org. IV. Furtado, Gabriela Galvão Braga, org. V. Silva, Ivan Rocha da, org. VI. Barros, Lucia Helena Alfaia de, org. VII. Lima, Marcelle Rolim de Souza, org. VIII. Machado, Michelly Silva, org. IX. Alves, Veraneize dos Anjos, org. X. Título

CDD 300

Experiências de pesquisa, engajamentos e (novas) conexões em tempo remoto

Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural

Coordenação

Prof. Márcio Meira (Coordenador)
Prof. Marcos Magalhães (Vice-coordenador)

Organização

Benedito Emílio da Silva Ribeiro
Prof.^a Cândida Barros
Prof.^a Cristiana Barreto
Gabriela Galvão Braga Furtado
Prof. Ivan Rocha da Silva
Lucia Helena Alfaia de Barros
Marcelle Rolim de Souza Lima
Michelly Silva Machado
Veraneize dos Anjos Alves

Comitê Editorial

Prof.^a Cândida Barros
Prof.^a Cristiana Barreto

Projeto Gráfico e Editoração

Gabriela Galvão Braga Furtado

SUMÁRIO¹

Apresentação.....	7
Programação.....	8
Resumos por ordem alfabética.....	13
Adenilse Borralhos Barbosa.....	13
Alessandra Carolina da Silva e Silva.....	14
Amanda Evelin da Silveira Carneiro.....	15
Ana Victória Santos da Costa	16
Benedito Emílio da Silva Ribeiro	17
Cássia Luzia Lobato Benathar.....	18
Chayenne Furtado de Souza.....	19
Edivandro Ferreira Machado.....	20
Evanderson Camilo Noronha.....	21
Fabrício Gatagon Suruí	22
Fernando Ferreira.....	23
Gabriela Galvão Braga Furtado.....	24
Geórgia Amarante Pinheiro Monteiro.....	25
Gissele Vanessa Teixeira da Silva.....	26
Heloisa Helena Feio Ramos.....	27
Hugo do Nascimento.....	28
João Daltro Paiva.....	29
Leônidas Ribeiro Pixuna Neto.....	30
Lilian Cristina da Silveira Souza.....	31
Lorena Carolina Marques Monteiro.....	32
Lucia Helena Alfaia de Barros	33
Luciana Silva Sales	34
Luiz Cláudio Brito Teixeira.....	35

¹ O Sumário é interativo: ao clicar no nome do autor (a) será direcionado ao resumo.

<u>Marcelle Rolim de Souza Lima.....</u>	<u>36</u>
<u>Maria Madalena dos Santos do Carmo.....</u>	<u>37</u>
<u>Maria Nizan de Sousa.....</u>	<u>38</u>
<u>Michelly Silva Machado.....</u>	<u>39</u>
<u>Nacip Mahmud Láuar Neto.....</u>	<u>40</u>
<u>Samantha Raissa Cunha da Silva.....</u>	<u>41</u>
<u>Silvane da Silva e Silva.....</u>	<u>42</u>
<u>Sílvia Pinheiro Ferreira.....</u>	<u>43</u>
<u>Veraneize dos Anjos Alves.....</u>	<u>44</u>
<u>Vitor Gonçalves</u>	<u>45</u>
<u>Zenaide Teles de Oliveira.....</u>	<u>46</u>

APRESENTAÇÃO

A segunda edição do seminário Perspectivas da Diversidade Sociocultural, que será realizada também em ambiente virtual, incentiva a integração e socialização de pesquisas (concluídas e em andamento) e outras atividades acadêmico-científicas desenvolvidas no Museu Paraense Emílio Goeldi, no âmbito do PPGDS, promovendo encontros e trocas oportunas de experiências entre docentes, pesquisadores e discentes da pós-graduação (turmas PPGDS2019 e PPGDS2020). Também objetiva dar boas-vindas aos estudantes ingressos na turma PPGDS2021, de modo que se familiarizem com o programa e as atividades realizadas no Museu Paraense Emílio Goeldi.

Este evento é um espaço para discussão teórico-metodológica de pesquisas nas linhas de pesquisa e campos temáticos de interesse do PPGDS, de modo a aprimorar habilidades e técnicas de pesquisa, análise e ação (e/ou transformação) social – partindo da premissa de construção colaborativa, retorno das pesquisas às comunidades e implicações no campo sociopolítico geral. Tendo por temática central deste ano **Experiências de pesquisa, engajamentos e (novas) conexões em tempo remoto**, o seminário objetiva a apresentação de investigações no campo das Ciências Humanas e Sociais, e outras áreas afins, que auxiliam no aprofundamento epistemológico e empírico da diversidade sociocultural – conceito que dá nome ao nosso programa –, discutindo estratégias analíticas de construção e execução de projetos (remotos) e novas reflexões e caminhos para a (re)produção colaborativa dos conhecimentos na/sobre a Amazônia em face da atual conjuntura de restrições provocadas pela pandemia do COVID 19, onde tecemos novas/outras conexões e(m) redes.

Desta forma, o Seminário organiza-se em mesas redondas que reúnem pesquisas temáticas afins, visando apresentações e debates dinâmicos que potencializem as interações e abordagens dos trabalhos no bojo de linhas de pesquisa e/ou de campos disciplinares.

**A Comissão Organizadora
Museu Paraense Emílio Goeldi
Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural**

PROGRAMAÇÃO

16/08/2021 – AULA INAUGURAL (10h00)

Prof.ª Edel Moraes

MESA 1 (16h00 - 18h30)

Arqueologia, materialidades e cultura

Mediação: Prof.ª Edithe Pereira

1. **Fernando Ferreira** - Os sítios arqueológicos no estado do Acre: da bacia do Purus ao Tarauacá-Envira
2. **Amanda Evelin da Silveira Carneiro** - Muiraquitãs e outras pedras verdes: panorama geral dos registros arqueológicos
3. **Gabriela Galvão Braga Furtado** - A produção cartográfica de Curt Nimuendajú: a expedição pela Amazônia
4. **Chayenne Furtado de Souza** - Etnocartografia de retomada: estudos sobre presença e pertencimento indígena no território marajoara a partir do mapa de Curt Nimuendaju
5. **Marcelle Rolim de Souza Lima** - A Urna Marajoara: história de vida, temporalidades e reconexões
6. **Samantha Raissa Cunha da Silva** - Sankofa: memórias da Coleção Etnográfica Africana do Museu Paraense Emílio Goeldi
7. **Alessandra Carolina da Silva e Silva** - “E quem trabalha no Museu?": uma análise acerca do patrimônio cultural através das narrativas memoriais dos funcionários do Museu Paraense Emílio Goeldi

PROGRAMAÇÃO

17/08/2021 – MESA 2 (16h00 - 18h30)

Educação, sociobiodiversidade e conhecimentos tradicionais
Mediação: Prof.ª Márlia Coelho-Ferreira

1. **Maria Nizan de Sousa** - Escola quando não tem escola: experiências de campo em tempo de confinamento, um diário do interior
2. **Silvane da Silva e Silva** - Guardiães da memória: as relações entre o saber tradicional dos Tenetehar-Tembé e o ensino escolar indígena
3. **Adenilse Borralhos Barbosa** - Conhecimentos tradicionais e biodiversidade: ponto de partida para aprender e ensinar
4. **Zenaide Teles de Oliveira** - “O bom patrão”: relações comerciais em torno do extrativismo da castanha na RESEX Cajari
5. **Edivandro Ferreira Machado** - Qual o lugar das plantas medicinais entre especialistas tradicionais Mebêngôkre-Kayapó da Aldeia Las Casas?
6. **Fabício Gatagon Suruí** - Conhecimento ecológico e percepção ambiental sobre primatas pelo povo Paiter-Suruí no entorno da TI Sete De Setembro, Rondônia – Brasil
7. **Nacip Mahmud Láuar Neto** - O manejo do mel: conhecimentos/saberes Aparai, Wayana e Tiriyo sobre a cosmologia das abelhas nativas da Amazônia

PROGRAMAÇÃO

18/08/2021 – MESA 3 (16h00 - 18h30)

História, arquivos e memória

Mediação: Prof. Nelson Sanjad

- 1. Cássia Luzia Lobato Benathar - Entre o passado e o presente: contribuições históricas do acervo do Cartório Gurupá**
- 2. Benedito Emílio da Silva Ribeiro - O SPI na Amazônia e a organização do indigenismo no Pará: percursos de uma pesquisa histórico-documental**
- 3. Ana Victória Santos da Costa - Diálogos médico-científicos e os saberes intercruzados entre os Tenetehar-Tembé: reflexões e experiências em pesquisa**
- 4. Luciana Silva Sales - A taberna da família Martins nos caminhos do trem: alimentação, abastecimento e cultura material na Vila do Apeú-PA (fins do século XIX e meados do século XX)**
- 5. Lucia Helena Alfaia de Barros - Comunidade Maria Tereza, um porto de lenha no estreito do rio Amazonas em Óbidos – Pará**
- 6. Sílvia Pinheiro Ferreira - (Re)significando memórias e (re)fazendo histórias: uma análise no Assentamento Ilha Mamangal, Igarapé- Miri – Pa**
- 7. Maria Madalena dos Santos do Carmo - “Bença, bisa Pituca”: memórias da parteira-pajé do quilombo de Itamoari em contextos afroindígenas**

PROGRAMAÇÃO

19/08/2021 – MESA 4 (16h00 - 18h30)

Línguas, saberes e patrimônios
Mediação: Prof. Hein van der Voort

1. **Veraneize dos Anjos Alves** - Entre o alto rio Negro e o baixo Tapajós: encontros e trocas interculturais na retomada do Nheengatu
2. **Michelly Silva Machado** - Etnografia lexical em ambiente digital: interações e agências linguísticas Mebêngôkre (Kayapó)
3. **Geórgia Amarante Pinheiro Monteiro** - Patrimônio cultural imaterial e gênero: novas experiências de pintura ressignificando papéis sociais de mulheres Mebengokrê-Kayapó
4. **Vitor Gonçalves** - “Raspa a cuia pra fazer o maracá” - o Carimbó como saber caboclo na Amazônia
5. **Lilian Cristina da Silveira Souza** - A Marujada de Bragança: ações educativas patrimoniais participativas na preservação do patrimônio imaterial brasileiro
6. **Lorena Carolina Marques Monteiro** - A Feira Livre de farinha em Bragança (PA): a construção do saber-fazer como patrimônio cultural na Amazônia Paraense
7. **Gissele Vanessa Teixeira da Silva** - Diga freguesa! Do que você precisa temos aqui! - Patrimônio cultural na Amazônia: uma abordagem sobre os saberes das vendedoras de ervas no Mercado do Ver-o-Peso

PROGRAMAÇÃO

20/08/2021 – MESA 5 (16h00 - 18h30)

Território, paisagens e relações sociopolíticas

Mediação: Prof. José Sena

- 1. Heloisa Helena Feio Ramos** - Direitos étnicos e culturais e os processos de regularização fundiária: um estudo de caso do processo de regularização fundiária na área de influência da Jari Celuse e Orsa Florestal S.A. a partir da atuação do Ministério Público do Estado do Pará
- 2. Evanderson Camilo Noronha** - A pesca artesanal na mesorregião do Baixo Amazonas: o processo de urbanização no entorno do Lago do Juá, Santarém, Pará, face ao *modus vivendi* dos pescadores artesanais locais
- 3. Luiz Cláudio Brito Teixeira** - O sentido da luta dos movimentos sociais xinguaras: as retomadas dos STTRS (1985-2010)
- 4. Leônidas Ribeiro Pixuna Neto** - Políticas públicas na valorização das identidades e territórios quilombolas: análise da Comunidade Quilombola de Joana Peres, município de Baião-PA
- 5. Hugo do Nascimento** - Interações arte-território no tempo da supressão da paisagem
- 6. João Daltro Paiva** - Dos Sítios aos Lotes, 40 anos depois da Albrás- Alunorte: mapeando as relações humanos-águas-terras-florestas em Vila Itupanema e Vila Nova do Piry, Barcarena (PA)

RESUMOS POR ORDEM ALFABÉTICA

CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E BIODIVERSIDADE: PONTO DE PARTIDA PARA APRENDER E ENSINAR.

Adenilse Borralhos Barbosa
Orientador: Prof. Glenn Shepard

O presente trabalho visa divulgar um caderno de pesca artesanal produzido para comunidade de Espírito Santo do Tauá, em Santo Antônio do Tauá-PA, Nordeste Paraense, com ênfase no etnodesenvolvimento. Seu objetivo pretende servir como ferramenta didática para as escolas da comunidade, para o desenvolvimento educacional, bem como nortear a construção e a efetivação de uma educação diferenciada, que não seja apenas ilustrativa, mas que permita a formação do aluno (a) crítico e com o olhar sobre sua própria história. O Caderno Didático mediará o processo dialógico, através dos conhecimentos empíricos e científicos, e fará essa relação valorizando e fortalecendo os saberes e fazeres do cotidiano na medida em que os professores possam fazer essa relação, entre os saberes tradicionais e o saber escolar. Este processo de construção educacional em etnodesenvolvimento busca inovar a relação de gestão/professor(a) / aluno(a)/ comunidade, no ensino-aprendizagem e no currículo escolar, junto ao protagonismo das pescadoras e outras representatividades presentes na comunidade. Nesse sentido, o Caderno torna-se necessário, pois as alunas e alunos fortalecerão seus vínculos sociais e terão conhecimento de sua própria realidade e inseridos na prática tradicional da pesca artesanal.

Palavras-chave: Caderno didático. Território tradicional de pesca. Conhecimentos empíricos. Etnodesenvolvimento.

Linha de Pesquisa: Povos Indígenas e Populações Tradicionais.

**“E QUEM TRABALHA NO MUSEU? ”. UMA ANÁLISE ACERCA DO
PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DAS NARRATIVAS MEMORIAIS DOS
FUNCIONÁRIOS DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI.**

Alessandra Carolina da Silva e Silva
Orientadora: Prof. ^a Cristiana Barreto

Este pré-projeto, a ser desenvolvido no âmbito do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural, considera os museus como espaços de potencial comunicativo expressos pela sua característica intrínseca. O Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG), localizado em Belém/PA, é uma instituição de pesquisa que integra o MCTI, e que tem entre suas missões produzir e disseminar conhecimentos acerca da biodiversidade e diversidade sociocultural da Amazônia. A partir dessa premissa, esse trabalho tem por objetivo visibilizar as narrativas memoriais dos funcionários do Museu Goeldi através de suas reflexões sobre o conceito de patrimônio e também de suas relações com as coleções que constituem os acervos museológicos da instituição. O projeto visa entender qual o significado do Museu Goeldi nas trajetórias e memórias pessoais dos seus funcionários face as suas relações com o patrimônio cultural, e como suas trajetórias enquanto trabalhadores são ressignificadas e incorporadas também como parte da história e da memória social do museu. Busca assim valorizar os funcionários do museu enquanto produtores de conhecimentos e agregadores de significados. Com este trabalho pretende-se contribuir para os debates sobre como os museus operam no estreitamento entre o fazer ciência e suas linguagens e a sociedade em geral.

Palavras-chave: Narrativas memoriais. Funcionários de museu. Patrimônio cultural. História e memória social do MPEG.

Linha de Pesquisa: Cultura e Patrimônio.

MUIRAQUITÃS E OUTRAS PEDRAS VERDES: PANORAMA GERAL DOS REGISTROS ARQUEOLÓGICOS.

Amanda Evelin da Silveira Carneiro
Orientadora: Prof. ^a Cristiana Barreto

Perante as disposições da diversidade sociocultural na região, os artefatos arqueológicos são importantes evidências de pluralidade tecnológica, simbólica e social atribuídos aos grupos humanos da Amazônia em perspectivas pretéritas. À vista disso, no processo seletivo mais recente do programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural, o projeto de pesquisa “Adornos em Pedra Verde na Amazônia antiga: poder e cosmologia” foi aprovado e será desenvolvido ao longo dos vinte e quatro meses de previsão do curso; a referida pesquisa se propõe a analisar coleções culturais de muiraquitãs e outro adornos confeccionados em pedras verdes pertencentes aos acervos de instituições científicas e museológicas do Estado do Pará, a fim de compreender os processos que envolveram a confecção, a dispersão e os possíveis significados de ordens cosmológicas e hierárquicas destes adornos que desempenharam papel extremamente significativo nas dinâmicas sociais, políticas e culturais das sociedades pré-coloniais. O presente resumo tem o objetivo de apresentar o projeto de pesquisa proposto no PPGDS para a comunidade científica, tal como também traçar um panorama dos dados historiográficos acerca dos adornos em pedra verde, conhecidos popularmente como muiraquitãs; como também discutir os avanços obtidos na compreensão destes artefatos, a partir dos resultados das pesquisas arqueológicas anteriormente desenvolvidas na região.

Palavras-chave: Muiraquitãs. Pedras verdes. Coleções arqueológicas. Historiografia. Amazônia.

Linha de Pesquisa: Cultura e Patrimônio.

DIÁLOGOS MÉDICO-CIENTÍFICOS E OS SABERES INTERCRUZADOS ENTRE OS TENETEHAR-TEMBÉ: REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS EM PESQUISA

Ana Victória Santos da Costa
Orientador: Prof. Márcio Meira

Este trabalho tem por objetivo compartilhar os panoramas de uma pesquisa em desenvolvimento que analisa o campo de ideologias e padrões de ações médico-científicas do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), órgão de Estado responsável pela gestão da questão indígena no país entre os anos de 1910 e 1967. Se direcionando, especificamente, para a experiência e trajetória do povo Tenetehar - Tembé, coletivo de língua Tupi habitante da região de fronteira entre os Estados do Pará e o Maranhão, como forma de identificar os processos de estruturação das políticas de saúde empreendidas pelo SPI, suas ações e reverberações em contexto local e, ao mesmo tempo, promover um deslocamento por fenômenos específicos de saúde e doença, práticas e técnicas de cura, impactos de adoecimento e mortalidade entre os indígenas na região. Para tanto, a metodologia utilizada no desenvolvimento dessa pesquisa se estrutura, principalmente, a partir de procedimentos de análise de cunho histórico-documental em acervos. Assim como, utiliza-se também, a partir das orientações teórico-metodológicas da História Oral, a coleta de dados com base nas narrativas orais e os elementos que envolvem as memórias do SPI entre o povo Tembé, como forma de fazer realce ao protagonismo e existência indígena em uma articulação analítica entre a História das Ciências e da Saúde e da História Indígena na região.

Palavras-chave: Serviço de Proteção aos índios. Povos indígenas. Tenetehar – Tembé. História da Ciência e da Saúde.

Linha de Pesquisa: Povos Indígenas e Populações Tradicionais

O SPI NA AMAZÔNIA E A ORGANIZAÇÃO DO INDIGENISMO NO PARÁ: PERCURSOS DE UMA PESQUISA HISTÓRICO-DOCUMENTAL

Benedito Emílio da Silva Ribeiro
Orientador: Prof. Márcio Meira

O trabalho objetiva redimensionar a história do indigenismo no Pará a partir da documentação do Serviço de Proteção aos Índios e de matérias jornalísticas pesquisadas na Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional. O SPI se instalou no espaço amazônico em idos de 1911, a partir de duas unidades principais: a 1ª Inspeção Regional, com sede na cidade de Manaus, e a 2ª Inspeção Regional, cuja sede, até 1930, oscilou entre Belém e São Luís. Para a análise aqui proposta, voltar-nos-emos apenas à 2ª IR e suas ações na sede (Belém) e postos localizados no interior do território paraense entre 1911 e 1945. Partindo das problematizações de Ann Stoler (2018), definimos os arquivos produzidos pelos empreendimentos coloniais como artefatos culturais de valor histórico e etnográfico, uma vez que possibilitam a compreensão de uma economia de produção (e imaginação) de fatos, intenções e sentidos captados da realidade, de tecnologias de controle e de noções taxonômicas que marcam a governança colonial. Ao tomarmos o acervo histórico do SPI neste mesmo rol de arquivos coloniais (ou da colonialidade), podemos levantar e problematizar os discursos, as práticas, sensibilidades e demais detalhes registrados, ao passo que igualmente esquadramos etnograficamente as formas indígenas de (re)organização no interior da lógica colonialista e disciplinadora, as quais revelam ações interétnicas e dinâmicas socioculturais empreendidas naquelas circunstâncias históricas. Logo, foi possível perceber outras faces do indigenismo no Pará que nos permitem entender estruturas de ação, retóricas e processos de contato e relação entre os servidores do órgão e os indígenas sob sua “proteção”.

Palavras-chave: Amazônia. Arquivos. Serviço de Proteção aos Índios. Agências indígenas.

Linha de Pesquisa: Povos Indígenas e Populações Tradicionais.

ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS DO ACERVO DO CARTÓRIO GURUPÁ

Cássia Luzia Lobato Benathar
Orientador: Prof. Nelson Sanjad
Coorientadora: Prof. ^a Helena Lima
Coorientador: Prof. Márcio Meira

Nas últimas décadas do século XIX, estabelecem-se na Amazônia gurupaense imigrantes judeus oriundos de Marrocos, norte da África, que desenvolveram e ampliaram uma rede organizacional que aquecera a economia naquela região, um fenômeno concomitante com a abundância econômica provocada pela exploração da borracha. Este resumo corresponde a Missão de Estudo referente à Chamada PPGDS/MPEG 01/2020 de apoio financeiro aos discentes, realizada no arquivo do Cartório de Ofício Único de Gurupá, instituição de mesmo nome, com a finalidade de reunir informações sobre os judeus sefarditas que povoaram diversas áreas, urbano e rural do município. Esta experiência tratara de uma tarefa desafiante frente a crise sanitária mundial causada pela Covid-19, cujo cenário exige refletir sobre novas perspectivas de fazer pesquisa. A escolha pelo acervo cartorial se deu pela sua relevância, anteriormente explorada, que revelaram, de modo generalizante, a presença dessa comunidade singular na região. Para esta abordagem de natureza qualitativa foram elencados e examinados, conforme seu teor de aportes à temática do projeto, os documentos referentes a compra e venda de imóveis, registros de nascimentos e óbitos, além de outros avulsos, e, posteriormente, estruturados para melhor apreciação e análise. Assim, as informações coletadas nos arquivos apontam para um contexto sócio-econômico estimulado por esses sujeitos que ultrapassara os limites municipais, como terras adquiridas no rio Xingu e outros afluentes do rio Amazonas.

Palavras-chave: Imigrantes judeus. Missão de estudo. Cartório de Gurupá. Acervo Cartorial.

Linha de Pesquisa: Cultura e Patrimônio

ETNOCARTOGRAFIA DE RETOMADA: ESTUDOS SOBRE PRESENÇA E PERTENCIMENTO INDÍGENA NO TERRITÓRIO MARAJOARA A PARTIR DO MAPA DE CURT NIMUENDAJU

Chayenne Furtado de Souza
Orientador: Prof. Décio Guzmán
Coorientadora: Prof.^a Helena Lima

Através de categorias de análise do campo da Geografia, como espaço, lugar, território e identidade, esta pesquisa propõe-se ao levantamento e investigação de materiais cartográficos e historiográficos que contenham registros sobre a presença indígena na Ilha do Marajó, tendo como ponto de partida o mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju replicado em 1943 para o Museu Paraense Emílio Goeldi a partir de escavações que realizara na região entre 1920 e 1925 afirmando a presença de povos indígenas no território marajoara e apontando o século XVII enquanto sua referência temporal. Em busca de vestígios arqueológicos, historiográficos e de experiências vividas nesse processo de preenchimento de possíveis lacunas espaço-temporais, proponho a investigação da (des)continuidade dos povos Aruã, Tupinambá e demais populações nativas a partir do violento contato com as versões espanhola, portuguesa e holandesa de Estado-Nação, sociedades circundantes no eixo caribenho e o impacto do circuito hidroviário em geral, conflitos decorrentes da tática geopolítica do colonialismo europeu e demais fricções locais/regionais como as missões jesuíticas, os ciclos de drogas do sertão, borracha, madeira, terra, gado, açaí, a Cabanagem (1835) e outros levantes populares libertários e tantos contextos de “dominação, resistência e acomodação” (HILL, 2013, p. 48) inerentes ao processo histórico de longo prazo a que o território do Marajó se associa em termos de pertencimento e identidade.

Palavras-chave: Cartografia. Etnografia. Povos Ribeirinhos. Povos Indígenas. Territorialidade.

Linha de Pesquisa: Povos Indígenas e Populações Tradicionais

QUAL O LUGAR DAS PLANTAS MEDICINAIS ENTRE ESPECIALISTAS TRADICIONAIS MEBÊNGÔKRE-KAYAPÓ DA ALDEIA LAS CASAS?

Edivandro Ferreira Machado
Orientadora: Prof. ^a Márlia Coelho-Ferreira
Coorientadora: Prof. ^a Claudia López

A pergunta-título é, seguramente, difícil de ser respondida. Trata-se de um questionamento que, para ser respondido, exige do questionador um distanciamento da ciência hegemônica, eurocêntrica e colonizadora, e esse desprendimento da colonização intelectual vai de encontro à monocultura da mente. Aqui, buscar-se-á refletir sobre tal pergunta-título a partir do relatório do projeto “Saúde e soberania alimentar Mebêngôkre-Kayapó: conhecimentos, práticas e inovações”, elaborado pelas doutoras Márlia Coelho-Ferreira e Claudia López. Consequente, os povos indígenas têm modos diferenciados de pensar, de se relacionar, de construir e de experimentar o biológico e o natural. Entre os Mebêngôkre-Kayapó não é díspar. Sobretudo entre os especialistas tradicionais, esses modos são transcendentais e ocupam um lugar de significação e de afeto. Esse tal “lugar” trata-se de algo difícil de falar. Não é um lugar físico, geográfico, não somente. É um “lugar” que está na memória individual (e coletiva) desses especialistas; é um “lugar” que está na oralidade, no saber, no fazer e no conhecer, onde a diversidade biológica e cultural se complementam. Neste lugar, a floresta é sujeito, é gente; as plantas medicinais são mais que um acumulado de princípios ativos, elas são entendidas e respeitadas. É um “lugar” que para ser entendido, se faz necessário atravessar as fronteiras ontológicas que separam os humanos dos não humanos.

Palavras-chave: Saberes e fazeres de cura. Conhecimentos tradicionais. Plantas medicinais.

Linha de Pesquisa: Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais.

A PESCA ARTESANAL NA MESORREGIÃO DO BAIXO AMAZONAS: O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO NO ENTORNO DO LAGO DO JUÁ, SANTARÉM, PARÁ, FACE AO *MODUS VIVENDI* DOS PESCADORES ARTESANAIS LOCAIS

Evanderson Camilo Noronha
Orientador: Prof. Roberto Araújo

Esta comunicação apresentará o projeto de pesquisa homônimo, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural. Referida investigação busca compreender o processo de urbanização no entorno do Lago do Juá (Santarém, Pará) e suas implicações no modo de viver e nos fazeres dos pescadores artesanais que ali vivem. Na região do Baixo Amazonas, a pesca artesanal desempenha importante papel em termos de geração de emprego e renda, além de garantir alimento às populações do campo e da cidade. Santarém, situada na confluência dos rios Tapajós e Amazonas, destaca-se como um dos principais polos de produção pesqueira do Pará, devido às potencialidades naturais das várzeas aí existentes, figurando entre os três principais mercados com maior parcela de processamento de pescado da região, ao lado de Manaus e Belém (ISAAC; BARTHEM, 1995; MARTINS, 2009). Assim, faz-se necessária a ampliação dos conhecimentos sobre a prática da pesca exercida no Baixo Amazonas, com informações importantes para subsidiar ações de gerenciamento dos recursos pesqueiros locais e regionais, garantindo o desenvolvimento da atividade e da cadeia de valor em bases sustentáveis e a valorização dos/as pescadores/as. Com a expansão do perímetro urbano de Santarém, o Lago do Juá se tornou uma das poucas opções para os pescadores artesanais que vivem na zona urbana do município. Além da exploração econômica ou busca de subsistência, a utilização do Lago é dotada também de significado simbólico que alicerça a vida material e imaterial das populações envolvidas. No universo da pesca tem-se a necessidade de uma completa compreensão da atividade, para tanto pretendemos ampliar o espectro dessas reflexões trabalhando também com as crenças, os significados e os processos de sociabilidade presentes na comunidade pesqueira do Lago do Juá, com foco na transmissão geracional dos conhecimentos e papéis para o trabalho na pesca no ambiente familiar.

Palavras-chave: Lago do Juá. Pesca tradicional. Comunidades tradicionais. Baixo Amazonas.

Linha de Pesquisa: Socioecologia, Diversidade Sociocultural e Ocupação Territorial.

CONHECIMENTO ECOLÓGICO E PERCEPÇÃO AMBIENTAL SOBRE PRIMATAS PELO POVO PAITER-SURUÍ NO ENTORNO DA TI SETE DE SETEMBRO, RONDÔNIA - BRASIL

Fabício Gatagon Suruí
Orientador: Prof. Glenn Shepard

O atual território do povo Paiter-Surui na Terra Indígena Sete de Setembro apresenta uma grande biodiversidade local, incluindo a diversidade de primatas não humanos. O conhecimento ecológico tradicional do povo Paiter provém do contato dos Paiter com a floresta no seu entorno, e está relacionado com a percepção que cada indivíduo adquire ao longo da sua vida. Portanto, o conhecimento tradicional é um processo dinâmico que vai mudando e se adaptando ao longo das gerações. O presente estudo tem por objetivos avaliar o conhecimento ecológico e a percepção ambiental sobre primatas pelo povo Paiter no entorno da TI Sete de Setembro, em Cacoal, RO, onde habitam 10 espécies de primatas conhecidas pelos Paiter, sendo elas: Masaykóhr (*Lagothrix cana*), Arimé (*Ateles chamek*), Pekoá (*Alouatta puruensis*), Txomeüd (*Saimiri ustus*), Masaypeb (*Chiropotes albinasus*), Akop-lirud (*Mico sp.*), Manaá (*Plecturocebus Bernhadi*), Paraseah (*Phitecia irrorata*), Masaykihr (*Cebus apella*) e Yaah (*Aotus nigriceps*). Até o momento foram realizadas 8 entrevistas semiestruturadas com homens e mulheres (pessoas adultas) e coletados 8 mapas mentais de crianças e adolescentes. Para analisar percepção ambiental sobre primatas pelos adolescentes, está sendo adotada técnica de mapas mentais que, se referem desenhos elaborados por elas pelo conhecimento, todos realizados por meio virtual respeitando as restrições de pesquisa impostas pela pandemia COVID-19. As entrevistas serão sujeitas à análise de conteúdo temático para avaliar a variação de conhecimentos entre os diferentes indivíduos e faixas etárias e para formular uma medida ponderada do conhecimento ecológico local. A pesquisa visa identificar diferenças no grau de conhecimento tradicional sobre primatas entre homens e mulheres e entre as gerações em função dos diferentes papéis sociais dos gêneros e mudanças na intensidade das atividades de caça ao longo das últimas décadas. Os resultados irão subsidiar um futuro projeto de pesquisa, matérias educativas interculturais e a continuidade do conhecimento tradicional do povo Paiter-Surui.

Palavras-chave: Etnoprimatologia. Paiterey Karah. Saber tradicional.

Linha de Pesquisa: Povos Indígenas e Populações Tradicionais

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO ESTADO DO ACRE: DA BACIA DO PURUS AO TARAUACÁ - ENVIRA

Fernando Ferreira
Orientador: Prof. Eduardo Góes Neves

Nos últimos anos, pesquisas realizadas no leste do Acre têm mostrado a relevância da arqueologia da região. No entanto, a arqueologia da região oeste do estado é ainda mal conhecida, consequência parcial da influência das ideias e práticas associadas ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONAPABA), que se desenvolveu ali nas décadas de 70 e 80. Com base nisso, o objetivo deste trabalho é o de fazer o levantamento dos sítios arqueológicos localizados ao oeste do atual estado do Acre, na bacia dos Rios Purus, Tarauacá-Envira na região onde houve um rápido levantamento prévio executado pelo PRONAPABA. Metodologicamente, esta pesquisa é composta por levantamentos bibliográfica e documental e por atividades de campo, de modo a compilar e analisar os dados a fim de atualizar e/ou registrar novos sítios arqueológicos na região. Os resultados esperados pela pesquisa pretendem contextualizar os dados referentes à região oeste do Acre no quadro geral da Amazônia, buscando servir de apoio a estudos futuros e ampliar a catalogação de sítios arqueológicos.

Palavras-chave: Acre. Amazônia. Sítios arqueológicos. PRONAPABA.

Linha de Pesquisa: Socioecologia, Diversidade Sociocultural e Ocupação Territorial

A PRODUÇÃO CARTOGRÁFICA DE CURT NIMUENDAJÚ: A EXPEDIÇÃO PELA AMAZÔNIA

Gabriela Galvão Braga Furtado
Orientadora: Prof. ^a Cândida Barros
Coorientador: Prof. Nelson Sanjad

Esta proposta tem por objetivo enfatizar o trabalho cartográfico do etnólogo Curt Nimuendajú (1883-1945) a partir do levantamento documental e bibliográfico do material produzido sobre o povo Tapajó, situado na região do Baixo Amazonas no estado do Pará. O etnólogo realizou uma expedição pela Amazônia em 1923, para coletar material arqueológico para o museu de Gotemburgo na Suécia, ocasião em que conheceu Santarém-Pa e realizou escavações no período de 1923 a 1928, tendo como um dos resultados a produção de dois mapas enviados à pesquisadora Helen Palmatary, que, desde a década de 30, se dedicou ao estudo da cerâmica tapajônica. Os mapas foram reproduzidos e publicados e constam na monografia *The Tapajó* (NIMUENDAJÚ, 1952) e no texto *The Archaeology of the Lower Tapajos Valley* (PALMATARY, 1960). O primeiro mapa é referente à região do Lago Grande da Vila Franca, Baixo Amazonas-Pa, com dados arqueológicos da escavação feita por Nimuendajú e a localização de terras pretas; o segundo representa um percurso da extensão territorial onde o pesquisador encontrou objetos tapajônicos e konduri. Dentre as informações disponibilizadas pelo Nimuendajú nos mapas, o que chama atenção é a atuação arqueológica e etnológica, associadas a um denso trabalho de campo, que se configuram numa inter-relação entre o objeto de pesquisa e uma rede científica, que se revela nos seus questionamentos compartilhados - via cartas - com Palmatary. Nesse sentido, observa-se que a produção cartográfica do etnólogo perpassa por uma representação da região e configura-se pelo ato de colocar à disposição de estudiosos o conteúdo dos mapas.

Palavras-chave: Amazônia. Mapas. Etnologia. Arqueologia.

Linha de Pesquisa: Cultura e Patrimônio

**PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL E GÊNERO: NOVAS EXPERIÊNCIAS DE
PINTURA RESSIGNIFICANDO PAPÉIS SOCIAIS DE MULHERES
MEBENGOKRÊ-KAYAPÓ.**

Geórgia Amarante Pinheiro Monteiro
Orientadora: Prof. ^a Pascale de Robert

Partindo do pressuposto de que a pintura – suas práticas e técnicas, juntamente com os significados dos grafismos – realizada por mulheres Mebêngôkre-Kayapó é patrimônio cultural imaterial, traçar uma discussão aliando os estudos de gênero pode se constituir em possibilidade para perceber como as duas categorias são socialmente construídas através das estruturas. O projeto tem o objetivo de compreender de que forma novas experiências de pintura ressignificam o papel social de mulheres Mebêngôkre-Kayapó a partir dos conceitos de gênero e patrimônio cultural imaterial. Nesse sentido, a pesquisa será explicativa, com abordagem do problema a partir da classificação qualitativa, sendo tanto bibliográfica quanto documental, bem como se construirá, um estudo de caso. A partir de novas configurações globais e novas demandas pós-contato, é importante considerar outras expectativas e subjetivações na vida de mulheres Mebêngokrê como artistas e pintoras, reproduzindo em vários outros espaços suas artes e gerando renda e sustento para suas comunidades e famílias. Novas experiências e desafios podem gerar respostas ao contexto caótico de questões e problemas estruturais enfrentados pelos povos indígenas, em particular, mulheres indígenas no Brasil.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. Cultura imaterial. Pintura corporal. Gênero. Mulheres. Mebêngôkre-Kayapó.

Linha de Pesquisa: Cultura e Patrimônio

DIGA FREGUESA! DO QUE VOCÊ PRECISA TEMOS AQUI! - PATRIMÔNIO CULTURAL NA AMAZÔNIA: UMA ABORDAGEM SOBRE OS SABERES DAS VENDEDORAS DE ERVAS NO MERCADO DO VER-O-PESO.

Gissele Vanessa Teixeira da Silva
Orientadora: Prof. ^a Lucia Hussak van Velthem

A pesquisa pretende um estudo sobre os saberes presentes no mercado do Ver-o-Peso, praticado pelas vendedoras de ervas. Registrando a sua importância para o patrimônio cultural. Tendo isto como mote discutiremos as relações sociais presentes no local da pesquisa o mercado do ver- o- peso. A abordagem do complexo do Ver-o-Peso e suas implicações com os saberes lá produzidos pelas vendedoras de ervas leva nós a um debate sobre patrimônio cultural material e imaterial. Registrando as práticas sócias das vendedoras de ervas e as representações dos saberes por elas produzidos, tomando estes como componentes do patrimônio cultural amazônico.

Palavras-chave: Ver-o-Peso. Patrimônio. Cultura, saberes e erveiras.

Linha de Pesquisa: Cultura e Patrimônio.

**DIREITOS ÉTNICOS E CULTURAIS E OS PROCESSOS DE REGULARIZAÇÃO
FUNDIÁRIA: UM ESTUDO DE CASO DO PROCESSO DE REGULARIZAÇÃO
FUNDIÁRIA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA JARI CELULOSE E ORSA FLORESTAL
S.A. A PARTIR DA ATUAÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO
PARÁ.**

Heloisa Helena Feio Ramos
Orientador: Prof. Roberto Araújo

A pós-modernidade inaugura um novo perfil na dinâmica social hodierna, agora marcado pelo rompimento das imagens identitárias que estabilizaram o mundo moderno. Nesse contexto, a questão do “Outro” deixa de ser algo geograficamente distante para se colocar ao lado, provocando mudanças significativas na forma como a Antropologia passa a entender este outro, não mais focada na identificação e entendimento de traços culturais. Inicialmente, defendendo uma visão evolucionista homogeneizadora, tendia a reificar as singulares culturais em face de uma lógica instrumentalista voltada para o atendimento dos interesses políticos e econômicos das empreitadas colonialistas que marcaram o alvorecer das sociedades modernas. Entretanto, a partir do momento em que os primeiros antropólogos deixam os gabinetes e passam a experienciar seu objeto de estudo, experimentando-os em sua singularidade histórica, buscando a “carne e o osso” das relações, ocorre uma transformação no pensar antropológico. No caso da Antropologia brasileira, tal ruptura será produzida no momento em que os antropólogos passam a ocupar espaços na estrutura administrativa de um Estado voltado para uma lógica desenvolvimentista que tinha como escopo a assimilação dos povos indígenas pela sociedade nacional. Nesse sentido, buscaremos entender tais processos tendo em vista a atuação do Ministério Público do estado do Pará, assim como das outras instâncias estatais envolvidas na defesa e na demarcação de territórios tradicionais e que foram acionadas durante o processo de regularização fundiária gerado em decorrência de uma notícia de fato envolvendo conflitos entre a Jari Celulose e vários coletivos que ainda hoje vivem em área declarada pela empresa como sendo de sua propriedade. Partiremos da lógica de campo jurídico trabalhada por Pierre Bourdieu para o entendimento da atuação do Ministério Público neste processo, assim como os dilemas das instituições envolvidas considerando os conflitos internos existentes pelo direito de dizer o Direito frente a uma realidade tão fluida como a da etnicidade.

Palavras-chave: Direitos territoriais. Conflitos agrários e fundiários. Coletivos tradicionais.

Linha de Pesquisa: Socioecologia, Diversidade Sociocultural e Ocupação Territorial

INTERAÇÕES ARTE-TERRITÓRIO NO TEMPO DA SUPRESSÃO DA PAISAGEM

Hugo do Nascimento
Orientador: Prof. Marcos Magalhães

Buscando investigar as relações entre a produção em artes visuais na Amazônia contemporânea, tenho tentando traçar um panorama dessas produções, e de suas formações discursivas, em relação a uma dinâmica territorial que se caracteriza segundo alguns autores por um processo de supressão da paisagem, tenho buscado perceber como esse contexto tem regulado modos de fazer no campo da arte, e até que ponto certas singularidades poéticas podem ser atribuídas ao vínculo dos artistas com a experiência do lugar. Nos contornos do seminário, será apresentado um recorte particular de como se manifestam essas interações, por meio da apresentação de obras acessadas ao longo desse período de pesquisa remota. Serão discutidos trabalhos de Egon Pacheco, Fernando Segtowitz, Paula Sampaio, Denilson Baniwa, e o Monumento das Castanheiras Mortas, produzido por trabalhadores sem-terra do Assentamento 17 de abril.

Palavras-chave: Arte. Território. Paisagem. Amazônia.

Linha de Pesquisa: Cultura e Patrimônio.

**DOS SÍTIOS AOS LOTES 40 ANOS DEPOIS DA ALBRÁS-ALUNORTE:
MAPEANDO AS RELAÇÕES HUMANOS-ÁGUAS-TERRAS-FLORESTAS EM VILA
ITUPANEMA E VILA NOVA DO PIRY, BARCARENA (PA)**

João Daltro Paiva
Orientador: Prof. Roberto Araújo

Barcarena (PA), desde os anos 1970 tem sido pólo de instalação de projetos empresariais ligados à cadeia da minero-metalurgia e à cadeia da infraestrutura e logística, gerando transformações sócio-territoriais, que atingem também as famílias de sítiantes de Itupanema e Vila Nova do Piry, ali localizadas. Frente a este contexto, a pesquisa tem como objetivo geral: Compreender as estratégias e percursos familiares de (re) construção socioespacial camponesa e ribeirinha de sítiantes moradores de Itupanema e Vila Nova do Piry, após 40 anos da instalação do complexo industrial-portuário em Barcarena, PA. Como Objetivos Específicos: (i) Caracterizar o sítio camponês ribeirinho como modalidade socioespacial de uma história da relação entre humanos, terras, águas e florestas no longo percurso da territorializações da região que hoje compõe o município de Barcarena; (ii) Identificar os efeitos socioespaciais dos deslocamentos forçados de sítiantes camponeses ribeirinhos para instalação do complexo industrial portuário no município de Barcarena sobre os sítios enquanto modo singular de relação ser humano-natureza; (iii) Analisar as continuidades, rupturas, adaptações e inovações nas estratégias de resistência e existência entre as famílias sítiantes deslocadas/reassentadas com as águas terras e florestas em Vila Itupanema e Vila Nova do Piry, Barcarena (PA). Como as pesquisas de campo realizar-se-ão a partir de agosto de 2021, serão apresentados neste seminário as bases teóricas de referência para a abordagem do sítio camponês ribeirinho como expressão multidimensional de territorialidade, as primeiras inferências sobre o percurso de sua constituição sócio-histórica e o contexto de impactos e pressões – por meio de análise de mapas - sobre estes sítios no contexto do pólo industrial-portuário.

Palavras-chave: Barcarena. Territorialidades. Sítios.

Linha de Pesquisa: Socioecologia, Diversidade Sociocultural e Ocupação Territorial.

**POLÍTICAS PÚBLICAS NA VALORIZAÇÃO DAS IDENTIDADES E
TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS: ANÁLISE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA
DE JOANA PERES MUNICÍPIO DE BAIÃO-PA**

Leônidas Ribeiro Pixuna Neto
Orientador: Prof. José Sena

Essa pesquisa que se busca desenvolver situa-se no campo das políticas públicas na valorização das identidades e o território Quilombola de Joana Peres, no localizado no município de Baião-Pará, compreendendo o processo de luta enquanto pertencimento de povos que se auto identificam como quilombolas. As políticas públicas para os quilombolas, viabiliza uma luta constante através dos movimentos negros que por anos e décadas os antigos e os atuais quilombolas são privados desse importante direito público. Preservar as identidades e os territórios quilombolas significam uma cosmologia de representação cultural de um grupo quilombola que busca o desenvolvimento sociocultural de seu povo, que historicamente a elite sempre exerceu cargos políticos no executivo, legislativo e jurídico no Brasil, negligenciando direitos as políticas públicas para comunidades quilombolas. Objetivo é compreender o movimento histórico de luta das comunidades quilombolas na busca da efetivação das políticas públicas, observar os relatos e discursos das lideranças quilombolas enquanto sujeitos de direitos na preservação de suas identidades e territórios, analisar as práticas das identidades culturais da comunidade quilombola. Resultados da pesquisa: O não acesso das políticas públicas causam perdas para desenvolvimentos das identidades e territórios quilombolas, discursos e relatos dos sujeitos que vivem essa realidade., O Racismo estrutural disseminado na sociedade causa desigualdades sociais impactando no ambiente sociocultural dos grupos quilombolas.

Palavras-chave: Política pública. Identidades. Território quilombola.

Linha de pesquisa: Socioecologia, Diversidade Sociocultural e Ocupação Territorial

A MARUJADA DE BRAGANÇA: AÇÕES EDUCATIVAS PATRIMONIAIS PARTICIPATIVAS NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL BRASILEIRO

Lilian Cristina da Silveira Souza
Orientadora: Prof. ^a Lúcia Hussak van Velthem

A pesquisa versa trabalho na região da Zona Bragantina no Pará; o recorte será a cidade Bragança uma das cidades referências por ser uma das mais antigas do estado do Pará, atualmente com 408 anos, localizada às margens do rio Caeté conhecida como Pérola do Caeté. A relevância da manifestação referente ao santo co-padroeiro da cidade, a Marujada de Bragança recebeu a titulação de Patrimônio Cultural do Pará por meio de uma ementa parlamentar (Lei Estadual n. 7.330, de 17 de novembro de 2009). Atualmente segue em processo de inventariação para reconhecimento enquanto bem pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Nacional (Iphan). Neste sentido, a que ponto as ações educativas podem resultar como ação benéfica, enaltecendo sem romper com a identidade cultura? Tenciono em ações educativas e museais em consonância aos anseios dos detentores deste futuro bem, no entanto, questiona-se até que ponto esse processo de reconhecimento torna-se benfeitoria para a comunidade? Como o governo atua nessa proteção uma vez que já é registrado pelo Estado do Pará? Diante da programação do curso, pretendo aprofundar as ações na pesquisa, a com ênfase na área da cultura popular e produção cultural, acredito que a oportunidade do curso evidenciará novos olhares para a diversidade cultural, além da cadeia de professores experientes no tema. Dessa forma, acredito chegar a um denominador e se trabalhar os pontos expressivos na comunidade, potencializando um diálogo recíproco, principalmente por ser na Amazônia Brasileira, e pela razão de ser detentora atuante na manifestação.

Palavras-chave: Patrimônio imaterial. Salvaguarda. Educação patrimonial.

Linha de Pesquisa: Cultura e Patrimônio.

**A FEIRA LIVRE DE FARINHA EM BRAGANÇA (PA): A CONSTRUÇÃO DO
SABER- FAZER COMO PATRIMÔNIO CULTURAL NA AMAZÔNIA
PARAENSE**

Lorena C. Marques Monteiro
Orientadora: Prof. ^a Lúcia Hussak van Velthem

Esta proposta tem como objetivo realizar uma investigação sobre a Feira Livre de Farinha, na cidade de Bragança (PA), a fim de identificar, descrever e resgatar as narrativas acerca dos saberes e fazeres, em suas formas de memórias sociais e das simbologias sócio-históricas que estão inseridas neste espaço. Ademais, esta pesquisa emerge também como uma oportunidade de promover a valorização do conhecimento local expresso nas práticas dos feirantes, especialmente em processos de produção, comercialização e consumo desse alimento, destacado por sua recente aquisição de identificação geográfica, enquanto patrimônio alimentar. Para tanto, será produzida uma análise em interlocução com a população local, que viabilizará na compreensão desse cenário como fonte de identidade cultural paraense.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. Bragança. Farinha. Feira livre.

Linha de Pesquisa: Cultura e Patrimônio

COMUNIDADE MARIA TEREZA, UM PORTO DE LENHA NO ESTREITO DO RIO AMAZONAS EM ÓBIDOS - PARÁ

Lucia Helena Alfaia de Barros
Orientadora: Prof. ^a Claudia López

A comunidade Maria Tereza, várzea de Óbidos é o lugar onde nasceu o senhor José Ailton Marinho de Jesus (seu Nazito), narrador do ritual de recomendação das almas por ele denominado “Lamentos de Murmúrio” que recomendava as almas dos trabalhadores pretos mortos por castigos corporais nos plantéis de cacau, ali existentes. Essa comunidade é o “lugar das memórias” (Pollak,1992) do senhor José Neves Moraes Marajó, o “Zé Bedeu”, resultado da pesquisa de campo realizada em julho do ano em curso e tem como objetivo apresentar a história da senhora Maria Tereza, única mulher dona de comércio naquela região que vendia fumo, querosene, bebidas, cordas de redes e outros gêneros e como seu estabelecimento demarcava os limites entre Óbidos e a região do rio Trombetas, abastecendo também com lenha grandes embarcações a vapor que viajavam de Belém (PA) para Manaus (AM) na segunda parte do século XIX. A comunidade era considerada um porto de lenha que guarnecia as caldeiras desses navios com a ajuda das crianças do lugar, que carregavam lenha até os porões dos navios e recebiam como pagamento pães produzidos pelos tripulantes dessas embarcações. Por causa desse ponto comercial estratégico no estreito do rio Amazonas e de suas terras, dona Maria Tereza era conhecida na região e posteriormente o paraná que não tinha nome, foi denominado pelos moradores de paraná Maria Tereza, lugar onde o ritual de recomendação das almas acontecia por causa da manutenção do trabalho escravo na região de Óbidos no período pós-abolição da escravatura no Brasil.

Palavras-chave: Porto de lenha. Comércio. Memória.

Linha de Pesquisa: Povos Indígenas e Populações Tradicionais

**A TABERNA DA FAMÍLIA MARTINS NOS CAMINHOS DO TREM:
ALIMENTAÇÃO, ABASTECIMENTO, E CULTURA MATERIAL NA VILA DO
APEÚ-PA (FINS DO SÉCULO XIX E MEADOS DO SÉCULO XX)**

Luciana Silva Sales
Orientadora: Prof.^a Nádia Farage
Coorientador: Prof. Márcio Meira

O seguinte trabalho tem como análise o abastecimento da Vila de Apeú e suas redondezas através da estrada de ferro de Bragança em fins do século XIX para meados do século XX, no que se refere à presença de imigrantes e migrantes nacionais nos núcleos coloniais e as relações comerciais com o Estado, tendo como esfera principal de pesquisa a taberna da família Martins, partindo da premissa de uma história material, sociocultural e oral, na comunidade do Apeú. Além disso, tem como finalidade compreender as premissas da alimentação e na criação de signos sociais e sua imbricação com as questões materiais – os utensílios do fazer e consumir, móveis e objetos, representam um dado momento da história do povo e sua memória coletiva. Portanto, estudar uma história da alimentação na Amazônia, direcionando o olhar para a Vila do Apeú e, especialmente, para a taberna da família Martins, é um tema que permite ampliar as reflexões historiográficas sobre a produção, abastecimento, comercialização e consumo alimentar no Estado do Pará. De fato, considera-se que tal tema tem muito a ser explorado, sendo assim, uma porta para aspectos importantes do cotidiano, das bases materiais, do abastecimento, da vida da região interiorana paraense e de cunho sociocultural.

Palavras-chave: Abastecimento. Alimentação. Cultura material. Família Martins. Estrada de Ferro de Bragança.

Linha de Pesquisa: Cultura e Patrimônio.

O SENTIDO DA LUTA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS XINGUARAS: AS RETOMADAS DOS STTRS (1985 – 2010)

Luiz Cláudio Brito Teixeira
Orientador: Prof. Márcio Meira

A proposta desse projeto de pesquisa é o de compreender a trajetória dos Movimentos Sociais Xinguaras com um recorte próximo dos STTRs na região do médio Xingu e em particular na chamada Volta Grande do Xingu no período da redemocratização brasileira a partir do primeiro governo civil após 21 anos de ditadura militar até 2010 já no fim do 2º mandato do primeiro presidente de origem popular no Brasil. Em 1989 os movimentos sociais, sindicatos de trabalhadores, pastorais da Igreja Católica, população beiradeira, STTRs e povos indígenas do Xingu realizaram uma das maiores mobilizações populares em Altamira para combater a construção da Hidrelétrica de Kararaô (depois renomeada de Belo Monte). Aquele tempo o governo levou os movimentos sociais até quase a exaustão na sua luta contra mais um grande projeto na região. Naquelas circunstâncias, o gesto de Tuíra Kayapó, de encostar o facão no rosto do engenheiro da Eletronorte, que gelou o sangue dos brancos e percorreu em velocidade impressionante os quatro cantos do mundo, demonstrou a resistência dos povos xinguaras. A investigação aqui proposta quer entender a evolução dos processos de luta social (e sua interação entre os povos) numa região que sofreu grande impacto das arbitrariedades dos governos militares e como mulheres e homens que ali viviam construíram suas lutas após o fim da ditadura militar. Compreender os processos de retomadas dos STTRs (Sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais) naquele período e sua consolidação como importante ator de resistência política e social na região.

Palavras-chave: Movimentos sociais. Sindicatos rurais. Volta Grande do Xingu. Médio Xingu.

Linha de Pesquisa: Povos indígenas e Populações Tradicionais

A URNA MARAJOARA: HISTÓRIA DE VIDA, TEMPORALIDADES E RECONEXÕES

Marcelle Rolim de Souza Lima
Orientadora: Prof. ^a Helena Lima
Coorientadora: Prof. ^a Cristiana Barreto

A pesquisa busca resgatar informações sobre a trajetória de vida de uma grande Urna Marajoara e outros objetos encontrados no mesmo contexto arqueológico, os quais se encontram na Reserva Técnica Mário Ferreira Simões do Museu Paraense Emílio Goeldi. Foram coletados por Betty Meggers e Clifford Evans em 1949 na Ilha do Marajó-PA, e desde então a urna evidencia uma extensa história de vida depois de musealizada. A partir da construção desta biografia, busco refletir sobre as ações museais que tendem a desconectar os objetos dos seus contextos e individualizá-los, o que ocorreu com a referida urna, que adquiriu um status e uma visibilidade privilegiada. A Urna Marajoara é o elemento central da pesquisa, mas não único, ela se destaca como um ícone da Cultura Marajoara, tornando-se um elemento de inspiração para os artesãos de Icoaraci e do Marajó, além de referência mundial quando se trata de cerâmica e cultura marajoara. Seus significados vão muito além da própria materialidade da peça. A partir do resgate da sua imagem e conexão ao conhecimento arqueológico e das diversas interpretações e ressignificações contemporâneas, objetivamos responder alguns questionamentos sobre sua origem, seus usos e significados no passado e no presente.

Palavras-chave: Urna Marajoara. História de vida. Ressignificações.

Linha de Pesquisa: Cultura e Patrimônio.

“BENÇA, BISA PITUCA”: MEMÓRIAS DA PARTEIRA-PAJÉ DO QUILOMBO DE ITAMOARI EM CONTEXTOS AFROINDÍGENAS

Maria Madalena dos Santos do Carmo
Orientadora: Prof. ^a Claudia López
Coorientador: Prof. José Sena

Esta pesquisa versa sobre a trajetória da minha bisavó Pituca, mulher indígena da etnia Tembé e que foi uma grande parteira e pajé do quilombo de Itamoari e da região do Gurupi. Neste sentido, trabalho com a memória da comunidade de Itamoari, através de entrevistas com lideranças, filhas e netos da nossa ancestral Pituca e com a análise de documentos e bibliografias que mencionam as relações afroindígenas presentes na região do Gurupi, a qual está localizado o quilombo de Itamoari. Para trabalhar o conceito “afroindígena”, tomarei como base as discussões do antropólogo Marcio Goldman (2014), entendendo como afroindígena os elementos produzidos por meio do encontro entre populações afrodescendentes e indígenas, seja em forma de resistência, práticas ou saberes. Nesta relação o “branco” não ocupa uma posição central, como na concepção de mestiçagem, por essa razão Goldman chama de teoria da “contramestiçagem”. E em Itamoari, podemos visualizar os elementos produzidos por estes encontros através da pesca, da caça, das práticas de cura e dos costumes. Nós, próprios habitantes do quilombo, percebemos a influência afroindígena, uma vez que em nossas conversas afirmamos que “somos pretos e temos sangue indígena também”, demonstrando que temos consciência que somos afrodescendentes, mas que também nos consideramos indígenas, devido os contatos que aconteceram e acontecem entre o quilombo e as aldeias indígenas da região do Gurupi e, com destaque, a ancestralidade da vó Pituca. Assim, a partir da vida de Pituca, pretendo analisar as relações afroindígenas estabelecidas em Itamoari

Palavras-chave: Quilombo Itamoari. Vó Pituca. Memória. Relação afroindígena.

Linha de Pesquisa: Povos Indígenas e Populações Tradicionais.

ESCOLA QUANDO NÃO TEM ESCOLA: EXPERIÊNCIAS DE CAMPO EM TEMPO DE CONFINAMENTO, UM DIÁRIO DO INTERIOR.

Maria Nizan de Sousa
Orientadora: Prof. ^a Pascale de Robert
Coorientadora: Prof. ^a Claudia López

Este trabalho tem por objetivo demonstrar como a pedagogia da educação formal está acontecendo nas escolas das Comunidades Indígenas, da Zona Urbana e da Zona Rural durante o período da pandemia no interior e como esse processo está influenciando de certo modo a vida existente dentro das vilas e das comunidades indígenas, no Município de São Félix do Xingu-Pará. (ARACY LOPES & MARIANA KAWALL, 2001). Com a perspectiva de elucidar como as escolas e os profissionais da educação, os professores indígenas e professores não indígenas tiveram que reorganizar-se dentro de cada localidade para conseguir manter as atividades escolares dos estudantes e o processo educacional durante o período de confinamento. Bem como evidenciar a trajetória de vida dos profissionais não indígenas envolvidos na educação indígena como navegadores entre os dois mundos das escolas no interior. (AVELINO, 2020). E demonstrar como o novo processo de educar via internet, com a adoção das aulas remotas e sua interferência ou não no processo de educar nesse tempo de pandemia dentro das Comunidades Indígenas que foram atendidas nesta modalidade de ensino. Bem como verificar o que fazem atualmente os estudantes indígenas egressos desse sistema educacional e os caminhos percorridos pelos mesmos nos diferentes ambientes de trabalho nos diversos setores da sociedade em São Félix do Xingu-Pa. E através de anotações diárias demonstrarem como a pandemia tem sido sentida e vivida no interior e os seus impactos no processo educacional das crianças e jovens indígenas e não indígenas das escolas do interior. Neste estudo discutem-se também os caminhos reinventados pelos educadores tanto da Zona Urbana, como das Escolas Indígenas do interior com relação ao desenvolvimento das propostas educacionais nesse tempo pandêmico e a mudança de linha de condução com relação à qualidade da educação no município.

Palavras-chave: Professores indígenas. Professores não indígenas. Trajetória de vida. Atravessadores de fronteira.

Linha de Pesquisa: Povos Indígenas e Populações Tradicionais.

ETNOGRAFIA LEXICAL EM AMBIENTE DIGITAL: INTERAÇÕES E AGÊNCIAS LINGUÍSTICAS MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)

Michelly Silva Machado

Orientadora: Prof. ^a Ana Vilacy Moreira Galúcio

A ideia de uma etnografia lexical em ambiente digital surgiu em meio à pandemia do Sars-CoV-2 (o vírus que causa a doença Covid-19), contexto que afetou diretamente a pesquisa de mestrado intitulada “processo de formação de novas categorias conceituais na língua Mëbêngôkré Kayapó (família Jê)”. Durante a pandemia, novas conexões, agora em ambiente digital, se estabeleceram, apresentando novos horizontes para o contexto específico desta pesquisa. Essa abordagem “parte da produção de novos espaços sociais e de novas experiências subjetivas” que derivam da existência de um ciberespaço social (FREITAS, 2018, p.02). Como se sabe o sistema linguístico de um povo acompanha os fenômenos sociais dele decorrente. Assim, para estudar alguns aspectos da língua Mëbêngôkré, tais como a criação de neologismos de origem do português, foi realizada uma etnografia digital em plataformas sociais (WhatsApp e Facebook) através de conversas formais e informais com locutores bilingues, com L1 Mëbêngôkre e L2 Português, todos com perfis públicos nas redes sociais. Apresentamos um estudo da fala no contexto da antropologia, no qual a análise dos dados seguiu uma abordagem descritiva, amparada na linguística antropológica, nos estudos de Duranti (1997-2001), para se entender os universos léxico-culturais desta língua, bem como as agências linguísticas através de narrativas, músicas, hino e história. Como resultados alcançados podemos observar a produção de cultura e expressões linguísticas no ciberespaço a partir de posicionamentos publicados pelos próprios Mëbêngôkre, como ato cosmopolítico, de resistência e de agência para manutenção de seus universos conceituais. Do ponto de vista da pesquisa de mestrado podemos refletir sobre horizontes metodológicos em tempos de pandemia, observando nos léxicos representações da epistemologia, da biodiversidade e da cultura (material e imaterial) dos Mëbêngôkre (Kayapó).

Palavras-chave: Etnografia lexical. Formação de palavras. Língua Mëbêngôkré. Interações. Agências linguísticas.

Linha de Pesquisa: Povos indígenas e Populações Tradicionais.

O MANEJO DO MEL: CONHECIMENTOS/SABERES APARAI, WAYANA E TIRIYÓ SOBRE A COSMOLOGIA DAS ABELHAS NATIVAS DA AMAZÔNIA

Nacip Mahmud Láuar Neto
Orientador: Prof. Glenn Shepard
Coorientador: Prof. Iori Linke

Este projeto de pesquisa visa levantar e analisar conhecimentos, saberes e fazeres dos povos indígenas Apalai, Wayana e Tiriyó, habitantes da região do Tumucumaque, norte do Pará sobre as abelhas nativas da região e os ecossistemas associados. O tema das abelhas nativas relaciona-se localmente com mitos demiúrgicos, medicina tradicional, alimentação de subsistência, e organização social. São conhecimentos importantes cuja reprodução cotidiana no seio social engendra a reprodução física e cultural destes povos. Assim, o etnoconhecimento sistematizado sobre abelhas nativas é igualmente importante na incorporação em levantamentos e zoneamentos ecológicos/agrícolas e planos de gestão. Tais conhecimentos tradicionais são uma fonte ímpar de manejos sustentáveis e tem uma importância singular no que tange sua inovação sobre a etnografia dos povos karib brasileiro. Em levantamento preliminar empreendido por Láuar Neto (Wanë: O Livro do Mel, 2019), foi constatado que os Wayana, Aparai e Tiriyó classificam a fauna de Hymenoptera em: “Purupin – Ano” (melíponas), “Wanë – Aonimo” (abelhas com ferrão, *Apis sp.*) e “Okomo – Kpopiko” (Vespidae). Ao todo foram catalogadas e estudadas treze (13) espécies do conhecimento Apalai, treze (13) espécies em Wayana e quatorze (14) espécies em Tiriyó. Também foram levantados conhecimentos ímpares sobre a organização social das abelhas, a disposição arquitetônica dos ninhos, a morfologia das abelhas e a flora mais visitada pelas abelhas indígenas. Espera-se que este presente projeto de pesquisa auxilie no levantamento aprofundado e organizado de tais informações, e que tais conhecimentos, uma vez sistematizados, possam retornar às comunidades indígenas por meio do subsídio qualificado de discussões de gestão inerentes ao PGTA das Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru D’Este.

Palavras-chave: Meliponicultura. Povos indígenas. Agroecologia.

Linha de Pesquisa: Povos Indígenas e Populações Tradicionais

SANKOFA: MEMÓRIAS DA COLEÇÃO ETNOGRÁFICA AFRICANA DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Samantha Raissa Cunha da Silva
Orientadora: Prof. ^a Lúcia Hussak van Velthem

A presente comunicação de pesquisa em andamento se refere à coleção etnográfica africana depositada na reserva técnica do Departamento de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG. A partir do conceito de Sankofa, um ideograma africano chamado Adinkra dos povos Akan, cuja imagem é representada por um pássaro com a cabeça voltada para trás ou ainda o formato que assemelha-se a um coração, e o significado de Sankofa pode ser entendido como: “Conhecer o passado para ressignificar o presente”. Partindo deste provérbio expresso em símbolo apropriado de seu conceito que nos remete ao elo com a ancestralidade para apresentar a trajetória dos objetos da coleção etnográfica africana, deste modo recuperando sua memória neste movimento afrodiaspórico em terras brasileiras. Para dar subsídios à pesquisa utilizo o método bibliográfico e documental, pretende-se abordar a trajetória de sua história objetivando apresentar a importância do referido acervo de modo plural, lançando olhares para diferentes possibilidades de áreas de conhecimento dentre eles: identitários, museológicos, históricos, artísticos etc. Principalmente podendo ser conectado a história e cultura africana e afro-brasileira, potencializando as discussões no campo das relações étnico-raciais e contra coloniais. De modo preliminar a pesquisa encontra-se em parceria com sistematização de uma exposição de parte da coleção e em contato com sujeitos envolvidos com o histórico da coleção africana, sendo estes de grande importância para coleta de dados e entrevistas a compor a pesquisa.

Palavras-chave: Coleção etnográfica africana. Sankofa. Memória. História e cultura africana e afro-brasileira.

Linha de Pesquisa: Cultura e Patrimônio.

GUARDIÃES DA MEMÓRIA: AS RELAÇÕES ENTRE O SABER TRADICIONAL DOS TENETEHAR-TEMBÉ E O ENSINO ESCOLAR ÍNDIGENA

Silvane da Silva e Silva
Orientador: Prof. Hein Van der Voort

Este trabalho pretende analisar as relações entre os saberes tradicionais e o ensino escolar indígena entre os Tenetehar-Tembé, através da memória dos anciões, os Teneterah-Tembé ficam localizados na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG). Todo o conhecimento relacionado a cultura Tenetehar-Tembé é ensinada pelos mais velhos da aldeia, e são eles que ensinam como realizar as festas, como utilizar as plantas, entre as mulheres são as mais velhas que ensinam o partear, como cuidar da criança, os cuidados que se deve ter durante a gestação, o parto e o pós-parto, já entre os homens, os mais velhos ensinam como caçar, pescar, fazer a roça, e ensinam sobre os *karuwaras*, as pinturas, o artesanato, esses saberes vêm da memória dos mais velhos. Pode-se perceber através dos discursos dos indígenas a luta constante por proteger seus territórios. Para isso as articulações feitas por eles vão além da aldeia, de suas terras. O empenho em defender seu território demanda construções de escolas e a aplicação do sistema educacional escolar. A escola é para os indígenas um suporte indispensável para a formação dos jovens, e espera-se através dela formar jovens que lutem principalmente pela defesa de seus territórios. Pretende-se com esse estudo entender como os anciões Tenetehar-Tembé compreendem o processo de ensino escolar indígena, assim como a relação entre os anciões e os professores não indígenas, e também a relação entre os anciões, a educação e o território.

Palavras-chave: Memória. Saber tradicional. Ensino escolar. Tenetehar-Tembé.

Linha de Pesquisa: Povos Indígenas e Populações Tradicionais

**(RE) SIGNIFICANDO MEMÓRIAS E (RE) FAZENDO HISTÓRIAS: UMA ANÁLISE
NO ASSENTAMENTO ILHA MAMANGAL, IGARAPÉ-MIRI PARÁ.**

Sílvia Pinheiro Ferreira
Orientadora: Prof.^a Jimena Beltrão

O presente estudo aqui apresentado, aborda a temática (re) significando memórias e (re) fazendo histórias: Uma análise no Assentamento Ilha Mamangal, Igarapé-Miri Pará, o qual tem a proposta de analisar a prática de histórias dos moradores do Assentamento Ilha Mamangal Igarapé Miri/PA e o pertencimento destes como sujeitos que constroem a sua própria história, através de um estudo de caso, no sentido de manter viva a memória dos sujeitos do campo. Esta pesquisa inscreveu-se no campo de pesquisa Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais, no mais recente processo Seletivo do Programa de Pós - Graduação em Diversidade Sociocultural, com a perspectiva de realizar um estudo sobre os mitos, lendas, religiosidade, educação, economia e cultura na comunidade Mamangal e também tenciona um diálogo com os teóricos que discutem esses conhecimentos. Proponho-me a este estudo com intuito de fortalecer a prática de “causos” em nossa comunidade, visto que, esta prática já não se observa mais nos dias atuais. Logo estes conhecimentos culturais estão desaparecendo.

Palavras- chave: Memórias. Sujeitos do campo. Histórias. Conhecimentos culturais.

Linha de Pesquisa: Povos Indígenas e Populações Tradicionais

ENTRE O ALTO RIO NEGRO E O BAIXO TAPAJÓS: ENCONTROS E TROCAS INTERCULTURAIS NA RETOMADA DO NHEENGATU

Veraneize dos Anjos Alves
Orientadora: Prof. ^a Cândida Barros

O meu objetivo, neste trabalho, é narrar sobre a importante contribuição dos indígenas Baniwa e Baré, do alto rio Negro, no processo de retomada da Língua Nheengatu no baixo Tapajós, tendo como principais colaboradores: Vitor Baniwa, Alberto Baniwa e Celina Baré. Estes parentes indígenas foram pioneiros na elaboração e desenvolvimento de cursos de Nheengatu na cidade de Santarém e nas comunidades indígenas da região do baixo Tapajós, como parte dos intensos processos de reorganização étnica que se iniciavam no final dos anos 1990. Tomo, então, como base para esta pesquisa os trabalhos desenvolvidos por Vaz Filho (2010) e Silva Meirelles (2020) como um aporte de reflexão. Segundo enfatizam esses autores, a participação de outros indígenas da região do rio Negro (AM), que posteriormente também ministraram oficinas e cursos de Nheengatu para os professores indígenas da região do baixo Tapajós, além dos já citados Vitor Baniwa, Alberto Baniwa e Celina Baré, foi fundamental para a implantação do ensino de Nheengatu, e sua implementação, nas escolas indígenas dos Municípios de Santarém e Aveiro. Atualmente, são 42 escolas indígenas e 04 salas externas no município de Santarém, enquanto no de Aveiro temos 03 escolas indígenas. Portanto, os Baniwa e Baré deixaram sua marca na história dos 13 povos indígenas do baixo Tapajós, a saber - Apicá, Arapiun, Arara Vermelha, Borari, Cara Preta, Kumaruara, Jaraqui, Maytapu, Munduruku, Tapajó, Tapuia, Tupaiú e Tupinambá -, de modo a refletirmos sobre processos de aliança, articulações e experiência coletivas entre diversos povos indígenas na Amazônia - e em outras partes do Brasil.

Palavras-chave: Retomada. Nheengatu. Baixo-Tapajós.

Linha de Pesquisa: Povos Indígenas e Populações Tradicionais

“RASPA A CUIA PRA FAZER O MARACÁ” – O CARIMBÓ COMO SABER CABOCLO NA AMAZÔNIA

Vitor Gonçalves
Orientadora: Prof. ^a Lúcia Hussak van Velthem
Coorientador: Prof. Márcio Meira

O Carimbó é uma tradição transmitida de forma geracional ao longo dos anos em aspectos da vida cotidiana e da memória coletiva de comunidades carimbozeiras. Destacado como uma manifestação cultural aprendida de orelhada e portanto, tratando-se de saberes e costumes transmitidos pela oralidade, a importância da presença do Mestre(a) ou do mais velho(a) é imprescindível, haja vista que esses são os detentores do saber/fazer da manifestação. O presente trabalho propõe analisar aspectos dessa forma tradicional de se fazer Carimbó no estado do Pará, a partir da relação explícita entre indivíduo-natureza, como fundamental para a formação da identidade desse grupo social associada à perspectiva de caboclo na Amazônia. Esse recorte compõe o primeiro capítulo da pesquisa que venho desenvolvendo como dissertação no PPGDS, e configura-se como uma etnografia apresentando aspectos de corporeidade, dança, letra e ritualística dos grupos carimbozeiros em diálogo com pressupostos antropológicos onde a categoria de caboclo está relacionada como uma espécie de “camponês amazônico”, demarcando dimensões geográficas, raciais e de classe. Ressalta-se a importância em buscar compreender o processo de formação de populações subalternas, daqueles que historicamente foram colocados à margem do modelo colonial da sociedade, destacando as suas complexas formas de estrutura social e relação com a natureza.

Palavras-chave: Carimbó. Tradição. Identidade. Caboclo. Amazônia.

Linha de Pesquisa: Cultura e Patrimônio.

**“O BOM PATRÃO”: RELAÇÕES COMERCIAIS EM TORNO DO EXTRATIVISMO DA
CASTANHA NA RESEX CAJARI**

Zenaide Teles de Oliveira
Orientadora: Prof. ^a Lúcia Hussak van Velthem

O extrativismo de recursos naturais tem sido uma das referências para caracterizar o sistema de produção econômico na região amazônica. Nesse cenário de exploração, a figura dos padrões deixou marcas históricas principalmente por estes utilizarem o sistema de aviamento para gerar dependência dos trabalhadores. Na presente pesquisa de mestrado, objetiva-se discutir como se constitui e se efetiva o extrativismo da castanha do Brasil na Resex Cajari-Amapá, bem como busca-se retratar os processos produtivos que compreende as relações construídas e mantidas entre os diferentes agentes que atuam nessa atividade. Os resultados preliminares, evidenciam que houve muitos avanços em torno das relações comerciais instituídas na compra e venda da castanha na Resex Cajari, porém apesar dos avanços como pagamento em dinheiro, melhores preços pela produção, valorização da “barrica” e autonomia do trabalhador em escolher a quem e quando vender a castanha, ainda persiste a presença do “patrão” que controla de forma discreta os trabalhadores da região, agora não mais sob regime de opressão. O atual comprador/patrão mora dentro da comunidade, ele atua estrategicamente “ajudando” os extrativistas a abrir ramais, seja na roça ou nos castanhais, ele empresta e adianta dinheiro no qual não se cobra juros, pois sabe-se que uma safra pode ser insuficiente para quitação da dívida. O bom patrão “socorre” o extrativista no inverno e verão, ele entende seus fregueses e mantém uma relação vista como justa, por entender que existe opções de compradores no mercado pagando igual e até mesmo valores acima da média pela produção dos castanheiros.

Palavras-chave: *Bertholletia excelsa*. Aviamento. Patronagem.

Linha de Pesquisa: Cultura e Patrimônio.